

# O MISTERIOSO MOMENTO: A HISTÓRIA DO PONTO DE VISTA DE QUEM OUVI (E TAMBÉM VÊ!)<sup>1</sup>

**É um bom narrador quem compreende**

*que a eloquência não está naquele que narra,  
mas naquele que escuta.*

**Carmem Martín Gaité**

***Celso Sisto***

Fazer nascer uma história não é uma tarefa fácil ou simples. E depende tanto de quem conta quanto de quem ouve. E todo “nascimento” deve vir cercado de cuidados: o local (que deve ser apropriado); o momento (que deve ser “exato”); os gestos e movimentos (que exigem uma enorme precisão!); as palavras (que vão “desenhando” um mundo novo), a voz (que deve convidar à proximidade, ao querer estar e ao querer ficar!). Afinal, trazer qualquer coisa ao mundo é sim um enorme ato de responsabilidade.

O “anúncio” de uma história tem sempre uma “aura” sagrada. Enquanto existe a espera, está concentrada ali toda a felicidade potencial: o aparecimento de um “novo” mundo e a forma como ele vai organizar-se. Inexplorado e misterioso, o que está por vir concentra uma promessa – a da alegria e do prazer. Reencontro ou descoberta da alegria e do prazer de ouvir. A alegria de ser, ao mesmo tempo, testemunha e participante desse “ritual”. O prazer de ser transportado, de forma benevolente e cuidadosa, ao universo das palavras que possuem corpo, das histórias que se tornam palpáveis, daquilo que nos humaniza.

Esse momento é único e quando desperdiçado lança para além a possibilidade de uma verdadeira interação. Interação como troca de “inteirezas”, entre narrador e ouvinte.

---

<sup>1</sup> SISTO, Celso. **O misterioso momento: a história do ponto de vista de quem ouve (e também vê)**. In: GIRARDELO, Gilka (org.). **Baús e chaves da narração de histórias**. Florianópolis, SESC-SC, 2004. pp. 82-93.

Para cumprir a promessa que o contar uma história anuncia, é preciso uma certa integridade. É o grau de “imersão” que aparece no exercício de contar. As histórias pessoais de leitura aparentemente invisíveis vêm à tona; a “fricção” que o texto provocou no contador aparece; o tempo da preparação torna-se evidente; o cuidado das escolhas cria uma camada mais do que perceptível; o ensaio enfim, se cumpre, não sem paixão! O potencial criador e individual mostra-se inteiro.

Contar histórias não é simples. Nem muito menos banal. Uma atividade tão “antiga” quanto o homem, certamente traz consigo toda uma tradição. Não como uma forma fixa, mas como um legado, que é acionado, cada vez que alguém começa a contar. E que se renova a cada história contada.

Mas o legado do contar histórias é mais simples do que se pensa: alguém que suspende o tempo, que fala com uma linguagem diferente da linguagem cotidiana, que insufla a nossa imaginação, e que por isso mesmo, tem o reconhecimento da audiência! Mas só se conquista o reconhecimento da audiência quando o que se faz está cercado de verdade, de entrega, de paixão. Verdade como sinônimo de emoção sincera.

Isso tudo é mais ou menos previsível em se tratando de quem conta uma história. Agora, o que dizer de quem ouve uma história?

O ouvinte enquanto espera vai fazendo o seu traçado de possibilidades. Talvez se pergunte: “- Será que eu vou gostar?” Se ele já conhece o contador, essa pergunta já pode estar respondida. E isso, sem dúvida, cria uma predisposição. Mas não de forma imutável, já que a cada vez é um “novo” contador que “aparece”. O que significa que cada história pede ao contador uma maneira de contar.

O ouvinte, enquanto espera, está submerso no mistério. O desconhecido é ainda a margem que circunda esse momento. Para onde a história vai levá-lo? E de que forma? São perguntas que podem ser incluídas na seqüência da primeira pergunta. O mistério do antes faz parte desse jogo e imprime sabor ao desvendamento e revelações de uma história!

O momento de contar uma história é também o instante da revelação de um segredo. Ingressamos na intimidade do narrador. E fomos eleitos (por outros ou por nós mesmos!) para sermos depositários do mistério e do saber que uma história carrega. Não um saber puramente informativo, mas um saber poético, na base do sensível, com uma estética que se cumpre na medida em que as estratégias e formas do narrar se desenvolvem. Enquanto o contador ordena a informação (e isso é tarefa do bom contador de histórias) o interesse do ouvinte vai sendo despertado. O que está sendo

dito pelo contador, de forma dosada, vai abrindo caminho para a aproximação, que é sempre gradual.

Mas contador e ouvinte precisam estar disponíveis! E mais uma vez o mistério ganha espaço: é o inesperado que serve de elo entre eles dois. O acordo, mais ou menos tácito, entre quem conta e quem ouve, se faz baseado nessa entrega, nessa disposição. É como dizer: “fecha os olhos e vem!”. Mas para chegar a fechar os olhos é preciso confiança, afeto, amorosidade. Fechar os olhos e ir é só o começo da jornada. De olhos fechados não se pode apreciar a paisagem. Então “abra os olhos e veja” (e esses lugares são sempre insuspeitados)! É isso o que o ouvinte quer! Que o contador o ajude a ver! E o contador se propõe a assumir publicamente esse papel de intermediário.

Narrar é também assinar uma escritura oral, que tem o poder de fazer aparecer aquilo que uma história nomeia. E sua recepção não se dá da mesma forma que a de um texto escrito. O ouvinte é também espectador. O que significa que ele recebe a história com todos os sentidos. Recebe com toda a sua percepção, tudo aquilo que o narrador é capaz de projetar. E o texto oral caminha pela vereda da economia, da síntese. É significar muito com o mínimo e banir o supérfluo. E gesto também é texto, assim como movimento, olhares, tons de voz. E não dá para voltar atrás, para interromper, para repetir, como se faz com o texto escrito.

O texto oral não dá tudo pronto para o ouvinte (ou leitor), pelo menos um bom texto. Por isso o ouvinte adquire uma função ativa na narração: ele tem que ir preenchendo os vazios que a narração vai deixando. Sua tarefa, mesmo que ele não saiba disso – e muitas vezes o ouvinte demora para se dar conta disso – é ligar, unir, recheiar de sentido o que o contador de histórias está narrando.

O ouvinte confia ao outro (ao contador) o seu tempo. E essa é uma relação delicada. Mas não nos iludamos! Não se trata de um tempo mensurável no relógio. O tempo do imaginário é outro. É um tempo de suspensão (ou de mergulho), em que tudo fica como que parado ou adquire outros contornos.

Ser ouvinte de uma história é assumir uma condição especial. Especial se considerarmos que este é também um momento de revelação. E o que ouvinte espera, do narrador, neste momento, é que haja entre eles uma correspondência direta de emoções e sensações. O ouvinte quer se encantar, quer esquecer-se temporariamente de tudo e penetrar em um território que, a despeito do nome que se dê: fantasia, imaginário, etc. – é sempre um entre-lugar. Um espaço etéreo, ainda sem nome fixo ou mesmo um lugar de muitos nomes (a psicologia certamente têm muitas denominações para este lugar),

construído no momento em que a história aparece como um fluxo, mas que fatalmente se extinguirá quando a história acabar. Não que isso não possa deixar reverberações e ressonâncias. Se deixar, tanto melhor! Esse espaço escondido, que vêm à tona quando estimulado, mas que desaparece depois, emerge com toda a força que a palavra, o gesto, a emoção são capazes de provocar. Esse espaço “virtual”, cosmos que se inventa, e que se inaugura a cada vez é, de fato, uma tentativa de insurgência do sagrado. O sagrado como resultado da crença naquilo que está sendo contado.

Com os olhos voltados para o espaço do imaginário, o ouvinte ultrapassa a compreensão pura e simples de uma história. Ele é atingido por uma ininterrupta - a menos que ele se desligue - carga emocional: tons da voz, caráter dos personagens, corporificações e gestualidades - manejadas pelo contador. Palavras, silêncios, olhares, gestos, movimentos ganham “realidade” na medida em que o narrador, utilizando-se dos seus distintos recursos, joga com eles numa relação alternada ou simultânea, complementando ou dissociando esses códigos. E a premissa é sempre a mesma: “fazer com o outro o que uma história já fez com você”!

Mas o ouvinte tem que ser conquistado a cada instante. O vínculo que se estabelece entre contador e ouvinte é enormemente frágil e precisa ser renovado o tempo todo! Renovar para manter. Isso tem que estar previsto no texto (ainda que oral), mas tem que estar também incluído na forma de contar. É o estranhamento que uma palavra ou um gesto podem provocar. É o rumo inesperado que as ações da história podem tomar. É a surpresa de uma forma de falar e olhar. É o sobressalto que tudo isso pode causar. Ou simplesmente, o efeito que a companhia pode instaurar: contador e ouvinte lado a lado no caminho da história. A visita guiada que fazem à história é certamente inesquecível! E provar de tudo isso, de forma harmônica, é muito bom!

Da mesma forma que o contador conjuga palavra e olhar (e o trânsito entre elas nem sempre é tão livre!), o ouvinte aprende a ouvir e a ver. Ver através da sugestão do narrador. Ouvir além do que é dito. Ouvir também o que é calado. Ouvir o silêncio.

As gradações do silêncio de uma narração oral enchem o momento e o espaço de densidade. Multiplicam a história. Acionam vozes que são fisicamente inaudíveis. O contador lida nesse “átimo” com os seus “fantasmas”, como o ouvinte é muitas vezes obrigado a lidar com a sua memória. Acredita-se que história acorda história. Palavras, imagens, fatos, pessoas, todas as correlações que podem surgir sem que se tenha um controle absoluto disto. Sabe-se que algo está acontecendo. Mas não exatamente o quê.

Mas há também no contar histórias um certo convite ao abrigo, ao “agasalhamento”. O território do imaginário protege o ouvinte. Oferece amparo para que as emoções possam fluir livremente, para que o contato consigo mesmo se beneficie da mediação do contador e da história. E é evidente que quando o ouvinte se entrega à história ele fica vulnerável, mas certamente sai fortalecido da experiência.

A vulnerabilidade da entrega é decorrente do “fogo” que o contador emprega no seu exercício de contar. E o que é esse “fogo” que o narrador tem a possibilidade de acender? É a paixão que o narrador coloca no que está contando que faz surgir esse espaço. Essa imantação entre ouvinte e contador não se limita a um encanto pessoal - o encanto pessoal se desgasta, pode enjoar, pode diminuir de impacto com o tempo, pode “pasteurizar” toda e qualquer história, e costuma não ser suficiente para sustentar uma história numa segunda vez. A entrega, mútua, instaura uma vibração conjunta, um convívio sensível, decorrente dos entusiasmos de ambas as partes. É como vibrar em unísono!

O ouvinte sabe que está sendo levado por uma “ilusão narrativa”, e permite, e crê. Torna-se poroso à história. Absorve o que vê e ouve – cada um à sua maneira. Mas também exercita a sua independência. Completa aquilo que ficou subentendido; tem papel ativo na história que ouve porque cria junto com o narrador, mesmo em “silêncio” (que tem tanta espessura!). Abre a sua percepção leitora e abre o campo de sentidos de uma história. E a história se dobra e se desdobra dentro dele. Mesmo porque uma história oral não se mostra inteira. Há ainda aquilo que o espectador não vê, nem em gestos, nem em movimentos, nem em palavras, silêncios ou imagens. A totalidade do universo de uma história, o contador só mostra-a em parte. A outra, a restante, é intuída, mas deixa-se entrever.

Mas, voltemos ao sagrado.

Se o silêncio da escuta reforça a ambigüidade (eu posso “ler” o que é dito de inúmeras formas) e o mistério (o que se passa “dentro” do ouvinte é desconhecido do contador), o sagrado no ouvir uma história está diretamente ligado à força das emoções interiores. Ao suspender o tempo cronológico e ao “apagar” o espaço cotidiano, a história lança-nos em um território que se poderia chamar de “espaço mítico”, em que de algum modo, todas as histórias universais se encontram. E é a memória individual que nos permite fazer esse trajeto. A mistura de realidade e fantasia, o recordar e viver de novo, deslocam o individual para o coletivo, afinal, trata-se sempre das possibilidades do humano, de todo e qualquer tempo.

Os trâmites internos da emoção de se ouvir uma história, muitas vezes não podem ser ditos ou percebidos. Às vezes leva-se muito tempo para se reconhecer o que uma história faz com o outro. Talvez só possamos dimensionar isso quando ouvimos de novo uma outra história, ou até a mesma história.

Se o ouvinte de fato tiver um encontro com a história que ouviu, com certeza, estará mais bem preparado para descobrir outras histórias (e, quem sabe, mais bem preparado para a vida?).

Ao final de uma história bem contada o ouvinte sente-se mais livre. Há uma espécie de reconciliação entre sujeito e mundo. E contar também incita mudanças. Mudança de olhar, de ser, de estar. O universo pessoal e coletivo torna-se mais amplo. Esse encontro consigo mesmo e com o mundo, fortalece o ouvinte para enfrentar as condições de sua própria existência; de certo modo leva-o a reconhecer a sua própria natureza e as suas verdades (mesmo que passageiras!). E isso não é outra coisa senão uma “aproximação com o mistério da nossa vida” e com o mistério do mundo!

Por outro lado, quem conta também é atingido pela felicidade do compartilhar. E a melhor prova de que houve reciprocidade (identificação, reconhecimento, envolvimento – são muitos os meandros da comunicação!) entre narrador e ouvinte é o desejo de ouvir de novo. Especialmente porque o ouvir provoca ecos e deixa ressonâncias. Além de liberar toda uma “memória poética”, o narrar promove pequenas epifanias, permite que o outro se “alimente”, incentiva novas buscas. Enquanto uma história reverbera no ouvinte, ela é capaz de habilitá-lo para “mergulhos” mais ousados e profundos. Não é a curiosidade de acompanhar a história (e saber como tudo termina) que serve de permissão para o ir além, mas a necessidade de deixar-se penetrar por uma experiência única – ainda que os sentimentos sejam momentâneos, ainda que depois exija-se mais e mais.

Por isso tudo é que só há lugar para se narrar o texto excelente. E narrar é mesmo “recuperar o que há de artesanal na palavra”.

Mas a narração oral é sempre um exercício cênico. Mesmo que não se ocupe o espaço “sagrado” do teatro e do palco. Mesmo que se conte sentado ou de qualquer outro jeito. Seja qual for a posição que se assuma para contar, ela deve estar a serviço da melhor funcionalidade da história. E funcionalidade aqui significa “dar um estatuto literário” ao texto oral, transformá-lo em “objeto” de arte, dizê-lo com todas as nuances

possíveis, fazê-lo chegar ao ouvinte como uma labareda (e isso não exclui o humor! Labareda pode se chicote, pode ser cócega!). Converter o narrar num espetáculo.

Mas não se pode esquecer que do contador espontâneo ao profissional leva-se muito tempo! Há uma distância a ser percorrida e um espaço a ser preenchido.

### **REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BLOOM, Harold. **Contos e poemas para crianças extremamente inteligentes de todas as idades**. Rio de Janeiro, Objetiva, 2003.

BOVO, Ana Maria. **Narrar, ofício trémulo: conversaciones con Jorge Dubatti**. Buenos Aires, Editorial Atuel, 2002.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. Chapecó-SC, Argos, 2001.